

Na indústria, impacto foi maior

Como a agricultura, as exportações e o setor energético foram mantidos como metas prioritárias da política econômica, a recessão atingiu sobretudo as indústrias, que receberam o troco por terem crescido muito em 1980, e pela necessidade de reduzir a crítica dependência externa, através do aumento da poupança interna nos investimentos globais da economia.

Para estimular a poupança, o governo indexou a correção monetária aos índices de preços medidos pelo INPC, fazendo o mesmo em relação à correção cambial, como forma de estimular as exportações. Os consumidores deixaram de comprar automóveis, geladeiras, liquidificadores e aparelhos de som, para depositarem na caderneta de poupança, que rendeu em 1981 108,3%.

Com a correção cambial indexada ao INPC, também foi vantajoso comprar dólares. Quem comprou no início do ano a Cr\$ 70,00, conseguiu vender (no mercado paralelo), ao final, até a Cr\$ 158,00. Mesmo ao câmbio oficial, teria obtido Cr\$ 127,80 por dólar, uma rentabilidade só inferior à da caderneta de poupança e um conjunto de 91 ações na Bolsa, cuja lucratividade foi superior a 100%.

Como os recursos foram desviados da indústria para a poupança orientada pelo governo, e desta para as aplicações na agricultura e exportações, o resultado só poderia ser a queda no setor industrial, que afetou sobretudo a indústria automobilística — menos 35% — apesar do esforço notável em direção às exportações.

A indústria de transformação, de um modo geral, caiu 16% em 12 meses, contados a partir de outubro de 1980, segundo o IBGE. A indústria de bens

FATURAMENTO REAL DO COMÉRCIO ESTADO DE SÃO PAULO	VARIÇÃO PERCENTUAL DO FATURAMENTO REAL ACULULADO		
	Jan-Dez/81 (*) Jan-Dez/80	Jan-Dez/80 Jan-Dez/79	Jan-Dez/81 (*) Jan-Dez/79
SUPERMERCADOS	1,71	-1,70	-0,02
DROGARIAS E PERFUMARIAS	-16,16	-4,41	-19,86
VESTUÁRIO	-9,18	-10,31	-18,54
TECIDOS	-1,12	-9,78	-10,79
CALÇADOS	3,57	21,25	25,59
TOTAL DO SETOR DE BENS DE CONSUMO IMEDIATO E SEMI-DURÁVEIS	-3,33	-3,84	-7,04
LOJAS DE DEPARTAMENTO	-15,21	7,84	-8,57
LOJAS DE UTIL. DOMÉSTICAS	-29,17	-5,85	-33,32
CONCESSIONÁRIAS DE VEÍCULOS	-37,79	1,60	-36,80
MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO	-15,56	7,84	-8,94
MÓVEIS E DECORAÇÕES	-30,41	-16,36	-41,80
CINE-FOTO-SOM E ÓTICAS	-23,73	-4,90	-27,47
TOTAL DO SETOR DE BENS DE CONSUMO DURÁVEIS	-27,06	2,27	-25,40
COMÉRCIO GLOBAL	-19,67	0,29	-19,44
(*) Estimativas Baseadas nas Séries Históricas.			
Fonte: Federação e Centro do Comércio do Estado de São Paulo			

de capital, no mesmo período, recuou 16,6% e a de bens intermediários (que responde por 49,7% do valor da produção global da indústria de transformação) caiu 9,3%.

Quanto aos bens de consumo duráveis, os dados conhecidos cobrem apenas os doze meses a partir de setembro de 1980 e a taxa apurada pelo IBGE é de menos 25,3%, enquanto a indústria de bens de consumo não duráveis, a que sofreu menos impacto recessivo, recuou 2,1% entre novembro de 1980 e outubro de 1981.

Em consequência, caiu o nível de emprego: segundo algumas opiniões indicam que o número de desempregados chegou a 1,2 milhão, especialmente nos grandes centros como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte. O ponto de vista oficial sustentado até o fim pelo ministro do planejamento, Delfim Netto, é que o desemprego afetou apenas a indústria automobilística, em São Paulo, e que o número de desempregados não passou de 80 mil, correspondendo a um aumento de 1,8% na taxa de desemprego.